



AP/FOTO MIKEL KHAN

GÜNTER GRASS

'Para mim as SS nada tinham de intimidante'

A entrevista em que o escritor fala, pela primeira vez, do seu alistamento nas forças nazis quando jovem. As suas memórias já são um *best-seller*

FRANK SCHIRRMACHER E HUBERT SPIEGEL

GÜNTER GRASS REVELOU QUE se alistou aos 16 anos na Juventude Hitleriana para os submarinos e aos 17 foi chamado para a divisão Frundsberg, que pertencia às SS. No seu livro de memórias *Beim Häuten der Zwiebel* [Descascando a Cebola, ainda sem data prevista para a edição em português] Grass descreve a sua juventude em Gdansk, as últimas semanas como soldado, quando escapou por pouco à morte, o cativo e as confusões do período inicial do pós-guerra. O desejo de se tornar artista tornou-se ainda mais forte com estas experiências.

As suas memórias têm o título *Descascando a Cebola*. O que têm a ver com cebolas?

GÜNTER GRASS: Tinha que encontrar uma forma para este livro, e isso foi o mais difícil. As nossas memórias podem ser enganadoras, tal como muitas vezes são as imagens que fazemos de nós próprios. Polimos, dramatizamos, deixamos as experiências reais misturarem-se com a anedota. Tudo isso – portanto também o que é duvidoso – que as memórias literárias contêm, queria que brilhasse e fosse evocado pela forma. Daí a cebola. Com o descascar da cebola logo durante a escrita, camada após camada, frase a frase, os esquecimentos voltam a ganhar vida e tornam-se claros, legíveis. ▶

B.I.

QUEM É Günter Wilhelm Grass nasceu a 16 de Outubro de 1927 em Danzig (hoje Gdansk, na Polónia). Depois de 1945, fixou-se na Alemanha ocidental. Recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1999.

O QUE FAZ Estudou artes gráficas e escultura, mas nunca seria essa a sua actividade principal. Ao lado do percurso literário (iniciado em 1959 com *O Tambor*), Grass teve um importante envolvimento político, conotado com a esquerda. Sempre próximo do SPD (o Partido Social Democrata alemão) participou na campanha para a eleição de Willy Brandt, de quem era amigo. Nos anos 80 envolveu-se em movimentos pacifistas internacionais.

O que quis anotar nas suas memórias?

Não quero dizer que tenha sido um parto difícil, mas foi necessário ultrapassar alguns obstáculos, pois tenho objeções fundamentais contra as autobiografias. Muitas vezes tentam levar o leitor a acreditar que determinada coisa foi assim e não de outra maneira. Eu queria ser franco, daí a importância da forma.

O seu livro remonta aos anos da infância.

Mas começa apenas quando já tem quase 12 anos, com o desencadear da guerra.

Porque escolheu exactamente esse momento?

A guerra é o gatilho e o eixo central. Marca o princípio do fim da minha infância. Com a guerra as coisas entraram efectivamente dentro das famílias. O meu tio, que estava nos correios polacos, desapareceu a dada altura, nunca mais nos visitou, nunca mais brincou com os seus filhos. Depois soube-se que tinha sido fuzilado sob a lei marcial. Só nos últimos anos da guerra a minha tia voltou e trouxe algumas coisas (petróleo, por exemplo) que não existiam no país. Voltou assim a haver coesão familiar. Os meus pais adaptaram-se às condições. Eu queria, sobretudo, dar clareza ao que aconteceu, em particular a certas coisas passadas comigo. O que tinha o rapaz que eu era na altura, impedido de colocar as perguntas certas? Era um miúdo desperto, mesmo subordinado mas não fazia as perguntas cruciais. Era assim. Não queria só descrever o passado, dizer como era, mas queria falar disso. Porque a questão é essa: dizer.

Continua a procurar no exterior o estímulo para as memórias. Não existiam arquivos de família onde pudesse pesquisar?

Como criança refugiada – e até quase aos 18 anos considerava-me refugiado – não tinha nada. Faço referência no livro aos meus colegas que cresceram no Lago Constança ou em Nuremberga, que ainda possuem as suas cadernetas escolares e as coisas da sua infância. A mim não me resta nada. Tudo desapareceu. Apenas algumas fotografias que a minha mãe conservou. Estava por isso em situação de desvantagem, o que até se revelaria favorável para o relato.

Referiu várias vezes que só quando Baldur von Schirach admitiu em Nuremberga a sua

O meu silêncio durante todos estes anos é uma das razões pelas quais escrevi este livro

culpa se convenceu que os alemães tinham cometido um genocídio. Mas porque revela agora, pela primeira vez, e de surpresa, que foi membro das SS? Porquê agora?

Era algo que me oprimia. O meu silêncio durante todos estes anos é uma das razões pelas quais escrevi este livro. Era algo que tinha que deitar cá para fora, finalmente. As coisas passaram-se assim: tinha-me alistado voluntariamente para os submarinos (não para as SS, apesar de ser uma loucura idêntica) só que já não admitiam ninguém. Mas em 1944/45, nos últimos meses da guerra, as SS recrutavam tudo o que podiam. Isso aplicava-se aos recrutas e também aos mais velhos, que vinham muitas vezes da Força Aérea, o chamado «bónus de Hermann Göring». Quanto menos aeródromos houvesse intactos, mais pessoal de terra ia para as unidades do exército ou das SS. Com a Marinha passava-se o mesmo. E para mim, estou seguro das minhas recordações, as SS nada tinham de intimidante, era uma unidade de elite utilizada onde havia risco, e era a que sofria mais baixas.

Falou naquela altura com os seus camaradas sobre o que significava estar nas SS?

Na unidade, a única coisa que havia era o que descrevi no livro: um treino muito duro. Mais nada. A única coisa em que pensávamos era na maneira de escapar. Cheguei até a ficar propositadamente com icterícia, mas isso só me valeu du-

rante um par de semanas. Depois, voltei ao treino brutal e a uma instrução insuficiente, com equipamento obsoleto. Seja como for, tinha que escrever isso.

Ninguém o podia obrigar a fazê-lo.

Foi uma obrigação auto-imposta que me levou a fazê-lo.

Por que se alistou voluntariamente nas Forças Armadas?

Ao princípio, o que me importava era escapar de tudo aquilo. Do constrangimento, da família. Queria acabar com tudo, e foi por isso que me alistei. Também isso é curioso: alistei-me quando tinha uns 15 anos, e, de facto, esqueci logo tudo o que me tinha levado para aquilo. Passou-se o mesmo com muitos rapazes da minha idade: estávamos no serviço cívico e, de repente, um ano depois, tínhamos a ordem de alistamento em cima da mesa. E depois dei-me conta, talvez ao chegar a Dresden, que estava nas SS.

Teve algum sentimento de culpa?

Naquele momento? Não. Mais tarde esse sentimento de culpa pesou como uma desonra. Para mim, estive sempre ligado com uma pergunta: «Poderias, naquele momento, ter-te dado conta do que se passava?» Descrevo, por exemplo, no início do livro, um colega que sabia mais que os outros rapazes porque tinha um pai que foi mais tarde representante social-democrata no Senado. Também conheço casos em que os filhos se viraram contra os pais e, se do seu ponto de vista conservador e burguês, criticavam os nazis, isso podia tornar-se perigoso. Não era fácil os jovens verem as coisas com clareza na altura. Esquecemo-nos facilmente até que ponto a Juventude Hitleriana foi bem elaborada. A frase de Hitler, «a juventude deve ser conduzida pela juventude» foi extremamente eficaz. O meu comandante era um tipo porreiro, e nós sentíamos muito melhores do que aqueles opositores. Era assim que muitos sentiam e pensavam.

Foi um dos primeiros da sua geração a falar da sua vulnerabilidade a essa sedução e foi sempre muito franco ao tratar a história alemã, coisas que muitas vezes lhe atiraram à cara...

Sim, hoje em dia ouvimos tantos combatentes da resistência que nos admiramos

como é que Hitler conseguiu chegar ao poder. Mas gostaria de voltar aos anos 50, para esclarecer qual era o meu ponto de partida ao escrever *O Tambor*. O que tinha acontecido há pouco tempo, em 1945, era considerado um colapso, não uma capitulação incondicional. Para lhe retirar a gravidade, dizia-se: a obscuridade caiu sobre a Alemanha, como se o pobre povo alemão tivesse sido seduzido por uma horda de cúmplices tenebrosos. E isso não é verdade. Presenciei em criança como tudo acontecia em plena luz do dia. E ocorria com entusiasmo e popularidade. Naturalmente, também através da sedução, quanto a isso não há dúvida. Muitos jovens estavam entusiasmados. Queria investigar este entusiasmo e as suas causas ao escrever *O Tambor*, e também agora no meu novo livro.

Mas testemunhou resistência?

Só observei resistência num caso, que foi no serviço cívico e está descrito pormenorizadamente no livro. Já não me lembro do seu nome, pelo que hoje lhe chamo «não fazemos nada assim», porque era o essencial do seu discurso. Não pertencia a nenhuma das ideologias dominantes, não era nazi, nem comunista, nem socialista. Pertencia às Testemunhas de Jeová. Em todo o caso, nunca tocou numa espingarda. Abandonava-a, simplesmente, fosse qual fosse a punição com que o ameaçassem. E este homem invulgar também não conseguiu reorientar o meu pensamento. Odiava-o e admirava-o. Odiava-o porque ainda éramos mais pressionados por causa dele. E admirava-o porque perguntava donde vinha toda a sua incrível força de vontade: como é que ele aguenta? Como consegue tudo isso sozinho?

Perdeu o momento, no pós-guerra, para trazer ao debate a sua filiação nas SS?

Não sei. É um facto em relação ao qual penso ter feito o suficiente ao escrever sobre ele. Passei pelo meu processo de aprendizagem e tirei as minhas conclusões. Sempre foi claro para mim que este facto teria que encontrar o seu lugar se algum dia decidisse escrever alguma coisa autobiográfica. Mas não é o tema dominante do meu livro.

Poderia ter evitado este choque de ter feito parte de uma organização criminosa

tratando a questão n' *O Tambor* e n' *O Gato e o Rato*?

Tentei uma vez e outra ao princípio, com os meus diferentes dons e possibilidades. A matéria essencial do tema sempre lá esteve, por assim dizer à minha espera, e eu tinha que me posicionar. Quando voltei a encontrar o meu antigo colega de escola Wolfgang Heinrich, em 1990, como homem alquebrado, e descrevo esse encontro no livro, ficou claro para mim até que ponto dependeu do acaso, do lugar onde

A frase de Hitler «a juventude deve ser conduzida pela juventude» foi extremamente eficaz

se ia parar depois da guerra. Fui desmobilizado no Ocidente e fiquei livre. Tive que me haver com todos os meus erros e contradições, enquanto outros da minha geração, no Leste do país, recebiam imediatamente uma nova e convincente ideologia. Apareciam ali os combatentes da resistência que tinham estado na Guerra Civil espanhola, que tinham sofrido sob Hitler, e que se ofereciam imediatamente como exemplos. Podiam assim orientar-se.

Como numa família normal.

No Ocidente não. Nós tínhamos Adenauer, com todas as mentiras, com todo o fedor católico. Ao contrário da República Democrática Alemã, na República Federal mantivemos durante décadas discussões sobre o tema «superar o passado». Mas a palavra «superar» não era adequada. E houve, ainda e sempre, o apelo à normalização – como se a normalidade fosse particularmente válida. Pelo contrário: perante

as pessoas que se consideram «normais» sinto receio. Mas aprendemos a viver com o nosso passado e a situarmo-nos. Encaro isso como uma conquista, mesmo em comparação com outros países europeus. Basta olhar para a Inglaterra e a França, para não falar da Holanda e da Bélgica: o tempo do poder colonial e os crimes relacionados com isso estão ali, como que em branco. Isso constitui também uma ironia da história – é preciso qualquer coisa como uma derrota total para alcançar essa conquista. Os vencedores pensam que não terão que se inquietar com pecados do passado, mas também são apanhados. Mais cedo ou mais tarde, a geração mais nova faz perguntas.

E só fez as perguntas em 1946?

Esse foi o choque, que, no entanto, não começou imediatamente. Só depois dos depoimentos de Baldur von Schirach no julgamento de Nuremberga acreditei que os crimes tinham sido efectivamente cometidos. Os alemães fazem as coisas de tal forma que tomei tudo como propaganda, estupidamente, tal como eu era. Mas, então, já era inevitável, e a amplitude do crime parece ainda aumentar à medida que a distância temporal é maior. Torna-se ainda mais insuportável. Tal como «superação do passado» é uma expressão inadequada, também cada «compreensão» só pode ser uma aproximação. Continua a haver *progroms*, na Polónia, na Rússia, por toda a parte. Mas o crime organizado e planeado pelos alemães é singular, é único.

Quando começou a interessar-se pela política?

Como muitos outros da minha geração saí praticamente embrutecido do período nazi. Como se poderia explicar, na realidade, que tínhamos acreditado até ao fim numa vitória final e em armas miraculosas? Isso nem pode ser compreendido do ponto de vista actual. Tive as minhas primeiras experiências políticas um ano após o fim da guerra enquanto trabalhador nas minas de potássio. Descrevo no livro o modo como três grupos diferentes se enfrentavam ali, de maneira inconciliável: nazis, comunistas e sociais-democratas. As discussões eram violentas no subsolo. E, no final, muitas vezes, os comunistas e os nazis estavam juntos contra os sociais-demo- ▶

cratas. Assim, senti e, mais tarde, consegui compreender que a República de Weimar tinha caído pela base, quando nazis e comunistas faziam causa comum.

Foi na mina que ficou social-democrata?

Comecei por me interessar muito mais pela arte. Provavelmente fui mais politizado durante as minhas viagens a França. Também nos chegava daí a polémica entre Camus e Sartre. Hoje mal podemos descrever o que este debate significou para a minha geração. Éramos subitamente forçados a tomar uma decisão se éramos curiosos e queríamos decidir por nós mesmos: Como vou viver? Que posição vou tomar? E escolher Camus era, quanto a mim, uma decisão fundamental.

Até que ponto tudo isso é longínquo quando se tem quase 80 anos?

É tudo muito próximo. Se tivesse que dizer que viagem realizei em 1996, teria que consultar os blocos de notas. Mas com a idade, a fase da juventude torna-se mais clara. O momento correcto de escrever qualquer coisa biográfica também está obviamente relacionado com a idade.

Escreveu o livro para os seus netos?

Tanto consciente como subconscientemente, durante a escrita os meus filhos e os filhos dos meus netos desempenharam um papel. «Quando se conta alguma coisa a outra geração?» usei muitas vezes esta questão. No *Diário de um Caracol* tive que lhes explicar porque entrei na campanha eleitoral, porque levei tão a peito que um grande antigo nazi como Kiesinger tenha chegado a chanceler. Já nessa altura deparei com a dificuldade de saber como explicar Auschwitz aos meus filhos. Ainda hoje temos essa dificuldade.

Tem uma noção do temor que inspirava o uniforme das SS?

A nossa divisão já era só um caos e uma desordem em que todos tentavam sobreviver. A mim, houve um tipo que me ajudou, com quem se podia contar, que conhecia todos os truques, que não queria ser sargento e para quem a camaradagem era importante. Insistiu que devia mudar de uniforme. Eu não tinha consciência do perigo que corria. Daí a minha incredulidade perante as imagens dos campos de concentração: os alemães não podem ter

feito isso, é impossível! No cativeiro fomos confrontados pela primeira vez com esses crimes e vimos, ao mesmo tempo, como nas casernas americanas os brancos insultavam os negros, alojados em espaços separados, chamando-lhes *nigger*.

Estamos em 1945. Tudo está destruído, vive-se na incerteza. E ali está o jovem que queria ser artista. Como era? Não havia editoras, galerias, palcos, público...

Tinha tudo isso na cabeça. Ao mesmo tempo, reinava aquele vazio, a ignorância. Não consigo descrever hoje, após a fome de arte, o que senti quando vi as primeiras

*Continua a
haver progroms
por toda a parte.
Mas o crime
organizado e
planeado pelos
alemães é único*

exposições de Nolde ou de Klee em Dusseldorf. O efeito que teve em mim! Descrevo no livro o choque que sofri ainda durante a guerra quando vi pela primeira vez obras de arte que eram consideradas degeneradas, que não poderia ter visto se as coisas fossem como os nazis queriam, e que nunca teria visto sem o meu professor de arte. Foi um choque e um fascínio. Uma primeira indicação de que havia outras coisas para além do que via e ouvia diariamente. Mas o desejo de me tornar artista permaneceu muito tempo impreciso, faltava-lhe a direcção. Como escritor podia apresentar pouco nessa altura, imaginava-me mais nas artes visuais.

Mas podia imaginar uma vida normal?

Se tudo se voltaria a desenvolver, não sabia. De onde vim, vi cidades destruídas. Pode imaginar como estava Hildesheim?

Ou Hanover? A questão que eu e outros na minha situação colocávamos era onde iríamos arranjar algo para comer. Eu estava favorecido: antes de ter começado a fumar, aos 19 anos, tinha as minhas senhas de fumador, que podia trocar por algumas moedas. Mas era uma vida de esperar um dia pelo outro. Quando vejo hoje os jovens já preocupados com a pensão que vão ter no futuro, lembro-me que nem sabia o que era isso de reforma.

Mas conseguiu a liberdade económica.

Absolutamente e de maneira despreocupada. Só paguei impostos quando já era autor. Lembro-me da minha primeira dedução e como deplorei junto do meu editor Reifferscheid: «Isso é tudo muito bonito, mas tenho que pagar impostos?» Ele retorquiu: «Com o que calculo que vai ganhar, bem pode habituar-se a pagar impostos.»

Nas suas memórias encontra-se claramente o caminho dos seus livros...

Não podemos escrever um livro de memórias se não tivermos curiosidade, se não quisermos descobrir alguma coisa sobre nós mesmos e sobre o nascimento das nossas próprias obras.

Encontrou-se com outro artista célebre no pós-guerra, num bar de Dusseldorf. A *jam session* com Louis Armstrong no trompete e você no lavatório aconteceu mesmo?

Não há nenhuma prova. Mas na minha memória esse episódio está registado ao pormenor.

Ratzinger também esteve no campo de Aibling. O seu amigo era Joseph, como sugere no seu livro, ou o Papa Bento XVI?

Havia cem mil prisioneiros de guerra ao ar livre. E um deles chamava-se Joseph, era extremamente católico e até costumava fazer citações em latim. Esse tornou-se meu amigo e compincha, porque eu consegui salvar uma caixa de dados no campo e jogávamos. Conversávamos, especulávamos sobre o futuro como os jovens fazem. Eu queria ser artista e ele queria fazer carreira na Igreja. Parecia-me um pouco tímido, mas era bom tipo. Seja como for, é uma história bonita, não é? ■